



RITA, Annabela; Isabel PONCE DE LEÃO, José Eduardo FRANCO, Miguel REAL (dirs.); Carlos F. Clamote CARRETO, Isabel MORUJÃO, Micaela RAMON, Maria Luísa MALATO, Luísa PAOLINELLI, Dionísio VILA MAIOR, Maria do Carmo Cardoso MENDES (coords.) (2024): *Historia global da literatura portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 719 pp.

Entre fenômeno e processo: sobre a *História Global da Literatura Portuguesa*

Monumental é o melhor adjetivo para a especificação do robusto *História Global da Literatura Portuguesa* (doravante *HGLP*) publicado pela *Temas e Debates* e vindo à lume em 2024. Entretanto, se usarmos o vocábulo, ele acaba por criar nos possíveis leitores duas vias de interpretação que, mesmo díspares, alcançam sentidos que não permitem revelar o destaque e a necessidade de um livro desse porte. A primeira apresenta a ideia de monumental como inacessível, feito para especialistas; por outro lado, o uso de monumental em um texto recensivo incita a ideia de algo encomendado com a intenção de se valorar um autor ou texto em específico. Portanto, longe de um destaque problemático ou pejorativo, optamos por pensar a ambiciosa publicação por meio de um olhar menos encantatório, o que justifica o olhar nevrálgico sobre seus pontos que destacaremos a seguir.

Feito, aparentemente, aos moldes de um padrão já comumente conhecido, a importância e necessidade da *HGLP* não se resume a ser um novo manual, ou uma nova história daquela Literatura que nasce oficialmente no século XII com os primeiros textos em galego-português e possui uma trajetória rica e multifacetada. Distante da ideia de cronologia fixa ou regramento histórico datado, o livro se destaca, em primeiro lugar, pelo vocábulo diferencial em seu título: global. Ao considerar a literatura portuguesa sob o apêndice do global, a obra enfatiza a circulação de textos, autores e ideias entre continentes, perspectivas e sujeitos diferenciais. Logo, não é mais um manual, é uma proposta fora do comum, um modelo de se ler o antigo sob novo gesto em que valores como a diversidade linguística e cultural, a globalização do literário, a literatura e sua relação com a Identidade

Nacional e as influências culturais e literárias externas são trazidos como necessários para se pensar a ficção produzida em Portugal.

Para cumprir tal diapasão prometido pelo título, o livro origina-se pelo trabalho de duas equipes complementares: de um lado temos a direção geral da obra, composta por Annabela Rita, Isabel Ponce de Leão, José Eduardo Franco e Miguel Real. A este grupo coube o convite dos articuladores gerais de cada seção, a Introdução Geral e seu suporte técnico e teórico. Somado a ele, temos a equipe de coordenação de cada seção, responsabilidade que coube a Carlos F. Clamote Carreto (Idade Média, intitulada “E da sombra se fez luz”), Isabel Morujão (Renascimento, intitulado “*Humaniores Litterae*”), Micaela Ramón (Maneirismo e Barroco, intitulados “E da sombra se fez luz”), Maria Luísa Malato (Iluminismo, intitulado “O espírito das luzes”), Luísa Paolinelli (Romanismo e Realismo, intitulados “Decadência e regeneração”), Dionísio Vila Maior (Idade dos Ismos, intitulada “Com golpe de asa”) e Maria do Carmo Cardoso Mendes (Democracia, intitulada “Primavera fulgurante”). Por seu turno, os coordenadores de seção organizaram um plano de temas e autores de referência para seu período, bem como selecionaram e convidaram especialistas que se responsabilizaram pela criação de verbetes. Tal esforço apresentou, como produto, 100 verbetes polifônicos, divididos entre as sete seções, com consciência de harmonia entre o local e o global; enfim, uma síntese abrangente da herança literária portuguesa.

Longe de um mapeamento definitivo (nem mesmo definido por completo) o projeto é uma proposta que alcança espaços inesperados. Exemplo profícuo disso são as análises que dão conta de diversas direções. Dentre elas, chamamos atenção para a presença do discutidíssimo luso-brasileiro Gregório de Matos apresentado

por João Adolfo Hansen, a importância da figura de Álvares de Azevedo e de sua consciência estético-literária discutida por Luciene Pavanelo, a apresentação de Eça de Queiroz cronista por Annabela Rita e os temas que, pouco discutidos, encontram acolhida inédita, tais como a “literatura de manicômio” resenhada por Bárbara Gori e a tentativa de exposição da revolução literária que acontece em paralelo à Revolução de 1974 e resenhada por Cardoso Mendes. Chama atenção o verbete de encerramento, que volta-se para a ecocrítica e apresenta suas possibilidades interpretativas por meio da leitura dos “romances apocalípticos *Estuário* e *Combatemos a Sombra*, de Lídia Jorge” (p. 707), realizada por Maria do Carmo Cardoso Mendes.

A esse projeto organizativo de diretores, organizadores e escritores de verbetes divididos em períodos, subjaz um segundo que, no interstício do primeiro, apresenta outra divisão: uma primeira parte que marca a *Formação* e *Consolidação* da literatura portuguesa (entre os séculos XII a XVIII e cuja predominância são nomes como Gil Vicente e Padre António Vieira); uma segunda parte, que abrange século XIX e Modernidade, cuja proposta pensa não somente os temas mais comuns dos manuais, mas temas diferenciais e novos como o surgimento das primeiras vozes femininas na literatura portuguesa, além de abordar a literatura brasileira em sua fase de independência cultural; e, por fim, uma terceira parte que pensa a Literatura Lusófona Contemporânea e Globalizada, abrangendo traduções, literatura infanto-juvenil, produções pós-coloniais em África e a influência das novas tecnologias na circulação dos textos, dentre outros elementos.

Não bastasse a organização coletiva (que, por si, já poderia dar uma nuance de globalidade), o livro tem um prefácio (pp. 15-19) de José Carlos Seabra Pereira (Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra), cujo intuito é o de apresentar os pressupostos teóricos, assim como a “estrutura inabitual” que formata o projeto e cuja coragem, diz o prefaciador, “qualificadamente insólita, que nem teme afastar-se do regime tradicional de narrativa e anotação contínuas, nem o ignora no palimpsesto do seu horizonte de inscrição” (p. 19). E já nas palavras dos organizadores passamos a saber que o livro nasce da “emergência de uma nova historiografia que assume o ‘global’ como chave hermenêutica para revisitar e repensar a história dos vários campos da produção humana” (p. 21). A esse projeto estético, temos, ainda, um

projeto ético, haja vista a proposta de ampliar uma postura de valor plural ou, na colocação de José Carlos Seabra Pereira, um projeto que reconhece antecedentes “ignorados ou obliterados, por detrás da própria *visão recebida* que a dado momento se pretende alterar.” (p. 15).

Mas, tal processo ainda não responde por completo o que seja uma História que se pretenda Global da Literatura Portuguesa. E a isso, indiciam os organizadores que o tal projeto tem “sempre em conta a desejada harmonia entre o local e o global (incidência da obra/ autor no vasto território da literatura/ traduções comentários globais)” (p. 24). Mas como isso funcionaria na prática?

Pensemos a ideação de global. Não existe, *a priori*, a possibilidade de uma história capaz de preencher todos os hiatos que uma narrativa apresenta frente ao seu acontecimento. Contudo, a maioria das leituras do acontecimento se fazem de uma maneira enquadrada, cujo tema é a dominante, não seus vieses. Dentre as diversas formas de conhecimento, a literatura é um evento privilegiado, pois abre espaço para mergulharmos de maneira diferencial nesse processo do contar o acontecimento sem nos prendermos a um tema. Assim, a proposta do HGLP é de observarmos não somente o acontecido, mas também a relação desse acontecimento nas esferas local e global, bem como pensar o global no local. Ao ampliar o olhar, a obra permite que pensemos em significações complexas, afinal a aldeia do poema pessoal passa a ser possibilidade ao invés de totalidade. Assim, a identidade passa a glocal, espaço *entre* que se firma sem abandonar a abertura do possível. No quadro da emergência de uma historiografia que assume o global como chave hermenêutica, o primeiro passo foi superar um método de leitura e de conhecimento nacionalista-fechado. Destarte, ao permitir a troca cultural, constatamos que a circulação de saberes estabelecida permite uma interpretação enriquecida, na qual local e global quebram a tão ultrapassada perspectiva umbilical. Ao propor o interdisciplinar, o interestepocal e o interespaial como modelos de construção, os organizadores da HGLP transversalizam análises, mudam perspectivas e permitem combinar diferentes posicionamentos, tudo em favor de um processo glocal que reinflama a ideia de literatura e suas possibilidades. (essa repetição de “glocal”)

Essa abertura, espaço que se movimenta sobre si e sem qualquer orientação de culminância ou emolduramento é a busca a que se

dedica a HGLP. Suas linhas escritas e seus conceitos móveis (por serem de diversos autores e não o de uma única mente pensante) criam vinculações, propõem outras saídas, permitem a multiplicidade. Ao abrir espaços de comunicação com fenômenos literários outros que não somente o português, o livro em questão perde começos, mas também perde fins, torna-se rizoma. Por destruir, refundir, reinventar, cortar, fugir e retornar, o rizoma rejeita o pronto e o conclusivo, abdica do definitivo. As intensidades que se conflituam com a linearidade e permitem que, longe do traçado, se estabeleçam bolsões de conhecimento possíveis. Como sugestiona a introdução geral, existem múltiplas possibilidades de se ler a Literatura Portuguesa, sobretudo quando observada de forma holística, cruzando leituras e conhecimentos, permitindo saídas outras. Nesse modelo de bolsões dá-se a antidireção da HGLP. Nela não há linhas de corte, antes mapas possíveis que se fazem e desfazem a cada direção nova que o leitor tomar. As aberturas criadas por cada verbete não desejam o fixo, antes as possíveis conexões.

Por isso que a obra, apesar de organizada de forma cronológica e temática, foge ao rigor da datação e da fixidez em favor de mostrar possibilidades de diálogo entre autores de séculos diferentes (vide, por exemplo, o verbete “Tradução: Belas (in)fiéis, mas sublimes” em que Sandra Tuna faz um passeio pelos séculos de tradução em terras portuguesas), entre produções de diferentes países que usam o português como língua oficial (o melhor exemplo é “Ficções coloniais e pós-coloniais” de Pires Laranjeira) e mesmo entre realidades e discussões em que a literatura aparece como fenômeno global e intercultural, rompendo com os cânones e fronteiras nacionais. Assim, ao inserir a literatura portuguesa numa rede global e plural, destacando as trocas culturais e literárias entre diferentes espaços e identidades, os verbetes proporcionam olhares sob diferentes prismas –histórico, social, político e cultural–, permitindo uma visão multifocal que não era encontrada até então nos manuais de história da literatura circulantes em Portugal e conclamam o leitor a refletir de maneiras diferenciais sobre cada questão abordada. Mas, mais que isso, ao criarem novas visões epistemológicas, os verbetes, ao modo de rizoma, resgatam vozes e posturas de escritores e textos silenciados.

Logo, a proposta do HGLP não é a de substituição de outros livros. Menos ainda a de execração de suas propostas ou a tentativa de

dirimir outras abordagens. Frente aos modelos já postos a obra se apresenta como complemento pois inclui discussões novas e diferenciais, destaca influências diversas que moldaram a literatura portuguesa –incluindo o contato com outras línguas, culturas e tradições literárias–, reconhece a diversidade interna do espaço lusófono ao integrar as literaturas das ex-colônias, supera uma visão eurocêntrica e nacionalista para pôr em evidência a diversidade cultural e os processos de intercâmbio e hibridismo –bem como as das relações de poder e de identidade–, possui uma metodologia interdisciplinar que combina teoria literária, história, sociologia e estudos culturais e implica uma diversidade de autores e olhares que contribui para um projeto plural e sem ponto final.

Só podemos pensar que o livro em questão promove um avanço significativo na forma de pensar a literatura –que deixa de ser portuguesa apenas e passa a ser lusófona–, uma verdadeira “virada epistemológica no campo dos estudos” (p. 234), valorizando as trocas culturais e a diversidade das experiências literárias. Esse “esforço coletivo para mapear a produção literária em língua portuguesa para além dos cânones tradicionais e das fronteiras nacionais” (p. 15) se posiciona como resposta atual às demandas contemporâneas por uma abordagem que reconheça a pluralidade e a complexidade da literatura de um país, elucidando seus diversos contextos históricos e culturais de influência.

Assim, parece-nos que a HGLP cumpre bem sua função. Ademais, haverá quem possa questionar seus defeitos e problemáticas. E eles existem. Ao perspectivar uma história da literatura preocupada com outras histórias e outras literaturas, com um leque amplo de temas e práticas e feita por uma pluralidade de pessoas de diversos escopos teóricos diferenciais, cujo resultado apresenta mais de 700 páginas com diversas direções e veredas, é impossível que não haja problemas, por menores que sejam. Nenhuma visão do mundo consegue aspirar ao poder da onisciência plena, catalisador do todo existente. Assim, ao que apresenta, resgata, constata e discute, o texto de HGLP carrega também seus silêncios e interstícios. Por certo, os mais especializados dirão que certos temas ou veredas de leitura faltaram. Mas um projeto tão novo e ousado não poderia nascer pleno. E mais que isso, se existem faltas, elas não são, efetivamente, afetadoras daquelas linhas axiais interpretativas do conjunto –lembremos, a proposta não é totalizadora, mas possibilitadora–.

Junto ao rigor científico, o livro apresenta seus espaços para que, em período futuro, novos projetos se realizem e apresentem outros projetos conscientes que com esses venham se filiar e ampliar o espaço de leitura e pesquisa da Literatura Portuguesa em sua globalidade.

Por fim, a linguagem acessível, ademais seu rigor acadêmico, amplia o alcance do livro para diferentes públicos, desde especialistas até leitores interessados em literatura e cultura lusófona. Além disso, o uso de métodos interdisciplinares, como a análise sociológica e

cultural, permite compreender a literatura não apenas como um produto estético, mas também como um documento histórico e social –ampliando o valor do texto enquanto documento formador–. Assim, o compromisso com a pluralidade cultural, a interdisciplinaridade e a abordagem global afirmam a responsabilidade da obra fazer da HGLP leitura indispensável.

Nefatalin Gonçalves Neto
Universidade Federal Rural de Pernambuco
nefatal2@yahoo.com.br